



DISSERAM-ME QUE POSSO TER DISSOCIAÇÃO

ARTHUR CALDAS DE OLIVEIRA



ÍNDICE

CÉU AZUL, SENTIMENTO BRANCO	2
O PINTOR DE RÉPLICAS	5
AMOR	10
HAITI DENTRO DE UMA CARTEIRA	12
QUARTORZE ANDARES, DOIS DEGRAUS	14
E, ACIMA DE TUDO, VOCÊ	16
MULHERES, ARMAS	18
GOSTO DE CEREJA	23
HIROSHIMA – ENTRE NÓS – MEU AMOR	26
TOSSE ABAFADA	28



CÉU AZUL, SENTIMENTO BRANCO



“It was autumn, the springtime of death. Rain spattered the rotting leaves, and a wild wind wailed. Death was singing in the shower. Death was happy to be alive [...]”

Tom Robbins

Não chovia como chovem esses dias, nem era nublado o céu como costuma ser, nem cortava o vento o silêncio das pessoas, também não havia, pretos, sobretudos e guarda-chuvas, nem delicadas mãos seguravam lenços. Não chorava nem corava o céu, não virava desespero a ventania nem virava a falta desespero. A própria ausência se fazia ausente. Não poderia ter tido o dia maior indiferença.

Retive-me. Na vida tangível cortava o vento os gritos onze andares sob mim. Debrucei-me à sacada e refleti, ainda um pouco enjoado do excesso de laticínios: se pulasse de ponta-cabeça, vomitaria? Imaginei-me espantado no chão. Fui ao banheiro, "essa porra de maçaneta", demorei a fechar a porta. Tranquei-a, escorei-me à madeira alaranjada e vi-me banhado em luz amarela no espelho, "o mundo deveria existir apenas sob luz suave", pensei. Andei lentamente sobre os corredores gelados do apartamento silencioso com paciência que jamais tivera, tal paciência de quem tem pressa de tudo e esperança de nada. Com as mãos no bolso, sentei-me no sofá duro, inclinei-me, tendo ciência da minha má postura, e tornei a escrever.

Eu tinha vinte e quatro anos na época, havia me formado há dois em jornalismo. Trabalhava num jornal grande como nada mais que nada e fazia algumas matérias independentes quando podia. Eu era o que chamavam de jornalista underground. A jaqueta desbotada e o tênis surrado não negavam. Morava num pequeno e desleixado apartamento em São Paulo.

É assim que se deveria começar um conto? A dor de cabeça me atormenta e a luz do computador penetra meus olhos nesse quarto que só se permite existir sob uma iluminação mesquinha. Dormi quarenta minutos. Fernando Motta silenciou há seis. Cortinas de ferro barram a vida lá fora: o vento, os cães. A chuva que cai me mata na cama, inerte, quente como café recém-pronto, com a cabeça a digerir a podre massa encefálica.

Como proceder? Requerem-me, pela manhã, essas palavras ordenadas como ovelhas pela manhã. Essas palavras que, afinal, mostram-se lobas, que revoltam-se contra mim, seu pastor. São onze horas de céu escuro de uma quarta-feira. Eu deveria arranjar um estágio... sim, deveria. Às vezes me mostro tão fraco, às vezes me conheço tão bem. Sinto-me submisso a mim mesmo: senão a mim, ao quê?

Morava só desde os dezessete anos. Pouco falava com minha mãe ou meu pai. Não era de usar celular, nunca fui, mas tinha um, e a internet naqueles anos ainda era evitável. Minha mãe queria dizia que precisava ouvir minha voz, eu nunca fui de sentir saudade do que ainda existe. No acaso de um dia carregar o celular, ela me liga. "Sua tia morreu", disse-me, e falou por cinco minutos, pediu-me que acompanhasse ela e meu pai no velório. Concordei, quase relutando ao imaginar-me exposto ao resto da família; já não aturava as vozes, os risos, "tenho dois tigres no peito", pensava, quando me dava por ovelha negra. Cedi ao rebanho.

Desconhecia grande parte das pessoas. Velhos, tias, bebês. Reconheci algumas crianças, recordei um antigo romance. Uma criança, uma borboleta entre ovelhas, tomou toda minha atenção. Tinha três ou quatro anos, nunca se sabe dessas idades, e era provavelmente um primo de algum grau perdido. Como era singular a indiferença e o desconhecimento do menino em relação ao mundo, mesmo ao presente: a ingenuidade, a inocência. Na vida, nada mais trágico do que deixar de ser criança.

O menino esticava o braço pretendendo ser um avião, engomado por um terno. Sua mãe ajeitava a roupa a cada pulo e rodopio, a criança não se importava, apesar da expressão. O que é um velório para uma

pessoa de sequer meia década? Reparei nas bochechas, nos dentes, nos dedos pequenos. Invejei-o: por mais de meia década ainda seria menino. Suspirei. Não era a única criança a brincar de ensurdecer o silêncio.

Minha cabeça estás prestes a explodir. As veias prestam em correr sangue e dilatam junto aos poros. Conservo-me em posição fetal e tremo como um feto sem útero. As palavras medíocres e carentes não cessam. Há louça a ser lavada. Mais do que ignorado, ignoro. Agradeço a não mais que ninguém por não estar em meus dias de crise nem me roer por nostalgia. Privo-me do passado inevitavelmente romantizado. Caminho com a mesma paciência de mais cedo, agora, por fadiga, ainda sim, são, e não estou mal, o que de alguma forma quer dizer que estou bem. Estou grato por não sangrar.

Minha mãe chorava ao meu lado. Não a consolava, como poderia? Por timidez e incapacidade me fiz quieto. Observava tudo que podia. "Já volto", disse a ela, e fui comprar um café. "Um capuccino com chocolate", pedi. Nunca gostei muito de café. Talvez as pessoas no geral não gostem e por isso tomem tão devagar e preparadas. O menino corria pelo salão, caminhava como um príncipe: um príncipe anarquista, que contradição. Sentei-me, o menino pulava. Despertava em mim o saudosismo que raramente cochila. Quando nos tornamos tão enfadonhos e egoístas? Tão rasamente profundos quando o ideal mesmo é ser raso? É na adolescência que a vida começa e acaba? A criança se agachava, minha coluna doía.

Cansado do menino e de seus sumiços corriqueiros, passei a reparar na arquitetura da igreja. Não sabia especificar: madeiras, colunas. Não sabia dos nomes, especificidades. Era um piso bonito, madeira elegante. Não havia vidraças, cores, imagens. Às vezes me pergunto se era mesmo uma igreja. Fico velho.

Eu deveria escrever ao som de blues? A resposta independe, a música não silenciaria. As paredes brancas amareladas do quarto de possíveis dezoito metros ecoam guitarras mirabolantes. Elas não têm noção que estou aqui?

Estava vislumbrado com o teto do salão que abrigava o rebanho, admirava-me a capacidade da beleza estender-se por tamanha magnitude. Abaixei a cabeça e tornei a reparar no assoalho. Ali, em pé, o menino, junto ao pai e à mãe. Arthur, soube pela fala da mãe dez minutos antes. O garoto dava a mão direita ao pai. Sua mão esquerda, como puxada por um fio, ergueu-se e apontou para um vazio rente à parede. Diriji meu olhar para lá: vazio. Um silêncio despercebido pairou sobre as ovelhas sem rumo. Certa sublimidade nasceu: O menino proferiu palavras que não pude escutar. Ao término, seu pai acariciou sua cabeça, olhava-o, procurando manter a falta de expressão. Sua mãe, boquiaberta, agachou-se ao seu lado, buscou entender. Minha mãe me apressava. Do outro lado do salão, o caixão estendido de Bete. Não pude deixar de vê-lo com certa indiferença. Sua imagem, igualmente, nada me causou. Não podia me sentir culpado, não me senti. Sabia que tínhamos compartilhado algumas palavras e talvez mais de um momento juntos, mas era tão alheia que não tive o poder de conter a frieza do rosto. Reparei novamente no teto ao caminhar em direção à porta. Era bonito.

A garganta arranha, a cabeça dói. Tiro e retiro o anel de pedra negra. Os olhos eclodem, o estômago contraí, as luzes machucam. Sinto calor, faz doze graus.

"Olha, papai, a tia Bete" eu havia dito.



O PINTOR DE RÉPLICAS



"I don't believe in reproductions of painting, I don't believe in translating poems. Art is very jealous."

(Andrei Tarkovsky)

Ao pressionar o gatilho, uma peça conectada ao cão o move para trás, onde, através de uma mola, ele se desloca, resultando na colisão com a espoleta - artefato que inflama a carga de pólvora. Essa colisão causa uma chama que queima o prepotente, explosivo químico de pólvora ou nitrocelulose, potencializando a aceleração do cilindro de metal que penetrará a pele, carne e talvez órgão de uma senhora de sessenta e seis anos engolida pelo mundo; de um homem de trinta e nove engolido pela América; de uma mulher de quarenta e um engolida pela ausência. É imensurável a beleza de um tiro formar, vermelho, um Pollock monocromático em cada esquina.

Acordei na cama como um naufrago no mar. Ao lado, dois livros de sebo de esquina - já não duro o suficiente para ler romances. Meias furadas, mártires de tempos efêmeros, e um moletom de alguém que é lembrança, ambos no chão. No corpo apenas uma calça verde-abacate. Uma menina dorme ao lado, veste minha camiseta do Unknown Pleasures. Oito horas da manhã de uma sexta friamente ensolarada. Tomei à mão uma carteira de Black que compartilhava espaço com os livros no criado-mudo, peguei um cigarro e o ergui à boca. Insisto na caixinha de fósforos *démodé* da padaria. O frio intensifica a melancolia, o sol ameniza. Essa rede na janela talvez me impeça de sumir ainda com esperança no peito. Eu percebo agora que os dias se estreitam entre a solidão, que a vida é sobre perder amigos. Sei que essa rede não poderia impedir o monóxido de carbono, Yoñlu, mas queria que impedisse tua tristeza.

– Bom dia. – A voz recém acordada.

– Bom dia.

– Não sabia que você fumava.

– É.

Um silêncio pairou o ar. Ela tornou a cortar.

– Você pinta? – Perguntou-me enquanto esforçava-se em abrir os olhos. Minhas paredes brancas carregavam pouco mais de uma dúzia de telas.

– Pinto réplicas. Só aquelas duas são minhas mesmo.

– Todas são suas mesmo, não? – Riu amena.

Soltei ar pelas narinas como quem não quer sorrir, mas quer dar ar de tal.

Silêncio. Suspirei. Vi-me, fora do meu corpo, à janela, dando uma última tragada no cigarro. Senti-me em uma pintura do Hopper, constantemente me sentia em uma.

– Tenho que ir. – A menina vestia a calcinha rendada preta. Permaneci em silêncio, embora não refletisse mais sobre mim.

– A gente se vê de novo? – Não soube responder. Você é bonita, inteligente, não é rasa. Conhece cinema, música, poesia. Entende de modernismo, de clássico, de métrica. Você é até engraçada, alegre: dança, canta. Não sei... ah... você não é assim tão bonita, é interessante como muitos o são e é inteligente como quem teve boa educação. Você não é assim profunda, toca-te mais a métrica que a palavra, a palavra que os olhos. Não negou jamais os sonetos, os roteiros, o realismo. Você pediu que eu tocasse algo menos triste quando me

tocava. Não te impressionou a faca n'água do Diebenkorn; o conhaque, a chuva, a lama, a porra no lençol que o Caio nunca achou. Você não quis nunca dinamitar a ilha de Manhattan, a Sorbonne, nem ao menos se arrepiou com a sujeira do Gullar. Nossa transa, além de tudo, não foi melhor do que uma transa qualquer, não seria melhor que a do Caetano.

– Não sei... a gente vê depois.

– Você tem meu número?

– Não.

– É esse... – Risquei a folha.

– Posso ficar com essa camiseta?

– Pode.

– Até mais. – Inclinou-se para me beijar a boca. Não fugi.

– Até.

Sorriu-me enquanto virava-se em direção à porta. Não tive expressão. Assim que a porta se fechou, fui arrumar o quarto. Os quadros tortos, as roupas jogadas, o prato, o copo, o resto de comida. Sentei na cama, contrário à janela. Um retângulo de luz solar pintava a parede e clareava um terço de uma réplica do Kline. Formava, lá, uma silhueta minha, enquanto a luz que não chegava no final do quarto penetrava minhas costas nuas. Peguei o violão empoeirado e desafinado, um dia do meu tio. Não o via há quatorze anos, desde seu suicídio. Soou no ar um desafinado sol de manhã. Guardei-o: alguns desafinos não funcionam. Deitei na cama, o retângulo de luz solar se completou na parede. Me incompletei nos lençóis. Não deveria fumar de novo já...

Quando dei por mim, acordei, com o cigarro reduzido a cinzas por entre os dedos. Por duas horas permaneci na cama, alternando entre observar a parede e o teto. Não comia há mais de um dia, mas não havia fome, só agonia - todo dia um forte aperto no peito. Um aperto agudo de uma dor crônica, um sufocamento temporal de uma má respiração anacrônica. Vinte e três anos de idade, um quarto da vida com depressão. Já não havia nada, senão uma bolha de esperança a me mastigar. Estou fadado, sei: viverei toda uma vida incabível. Pudera eu sentir a felicidade extasiante, ou mesmo a felicidade perene. Quem me dera um amor violento para explodir os nervos e afogar o peito. Invejo-lhes, papai e mamãe, e como! e como vocês viraram saudade.

Deveria pintar agora uma tela do Rothko, mas não me desce. Sei que trabalho com o gosto, mas poderia gostar de trabalhar? Nem sequer acredito no meu trabalho. Sim, sei que as réplicas são necessárias para pagar as contas à Grande Máquina, mas... ah... não pudera eu ganhar dinheiro com minha própria arte? Tenho palavras nas gavetas e telas por corredores que ninguém pisa. Não pudera me alimentar daquilo que se alimenta de mim? Ah... que mesquinho da minha parte. Não poderia estar satisfeito em simplesmente fazer arte? Oh... queria eu extinguir a obrigatoriedade da vida. Queria eu dinamitar a ilha de Manhattan.

Reflito como quem encara a morte. Gostaria. Ópio para resistir ao ócio. Assusto-me: ainda estou na cama, estático e alheio ao mundo, imóvel. Não sinto fome, cheiro. Misturo os poucos sentidos que restam: uma sinestesia impetuosa. Uma desensação das coisas todas, um caos atordoante por excesso de ordem. Meus olhos encolhem-se, pisco o corpo meio ao frio, escorrem lágrimas de um olfato esvaecido, dissipo-me de mim em mim.

Imagine, imagine! De Kooning à parede abstrato, expressivo como um tiro vermelho Klein. É intrínseco dos suicidas a fantasia tão catastrófica?

Papai e mamãe seis anos atrás entraram nus em um carro na garagem. Portão, porta, janela fechados, papai ligou o motor. Ao som de um álbum compartilhado por vinte e cinco anos e sob efeito de psicoativos, transaram até que monóxidos de carbono ligassem-se a hemoglobinas suficientes para que perdessem a consciência, e por insuficiência respiratória, não a tivessem outra vez. Mamãe e papai conversaram por algumas horas comigo e com meu irmão poucos dias antes. Naquele momento, lembrei de outra conversa quando tinha sete, oito anos.

– Mamãe, como as pessoas morrem? - Sentia saudades de vovó.

– Existem duas formas, querido. – Disse enquanto ajoelhava-se diante de mim.

– As pessoas morrem de causas naturais quando viveram insuficientemente ou escolhem morrer em dois momentos: de felicidade leve, duradoura, ou de felicidade extasiante.

– Por que as pessoas escolhem morrer quando estão felizes? Não é bom estar feliz?

Tinha agora a cabeça deitada no colo de mamãe. Suas mãos contornavam meu rosto.

– As pessoas, amor, em certo ponto, perceberam que o apego à vida era supérfluo demais, entende? Bobo, prejudicial. Notaram que a felicidade não é sobre uma questão de ser, mas de estar, que é um estado efêmero. As pessoas têm receio de viver por ter mais medo de algo que as possa fazer infelizes do que desejo de sentir felicidade. Nós somos compostos por medo, angústia, tristeza, egoísmo e um mínimo de felicidade. As pessoas, assim, passaram a viver em busca dessa fração a fim de morrerem bem. A luz no fim do túnel pode passar uma vez só, sabe? Passamos a temer morrer na escuridão. Por que permitir-se viver após uma felicidade que pode nunca retornar? Subir nos trilhos é uma posição confortante, conformista, claro, e covarde, mas confortante...

– Mas mamãe, a gente não pode ter muitos momentos felizes, a gente não pode ser feliz a vida toda?

– Filho, existem duas coisas que só são bonitas em poesia: esperança e saudade. Temo por ti, não viva em ilusão, querido, a vida é como é. Você gosta de Van Gogh, né? Vi-te tentando reproduzi-lo alguns dias atrás...

– Gosto, mas não consegui.

– Um dia você vai conseguir, amor. Mas olha: Van Gogh disse que a tristeza nunca terá fim. Você ainda vai entender, querido, você é tão novo.

Levou o silêncio na boca que depositou na minha testa. Não passei a mão sobre o beijo molhado como costumava fazer.

– Você é tão novo, não sabe de nada... e mesmo quando souber muito, não vai saber.

Criança, não pude compreender ao certo, as palavras, porém, digeriram-se por anos. A A tristeza nunca terá fim. As conversas quando criança atropelavam-me a cabeça, tentei me fazer presente.

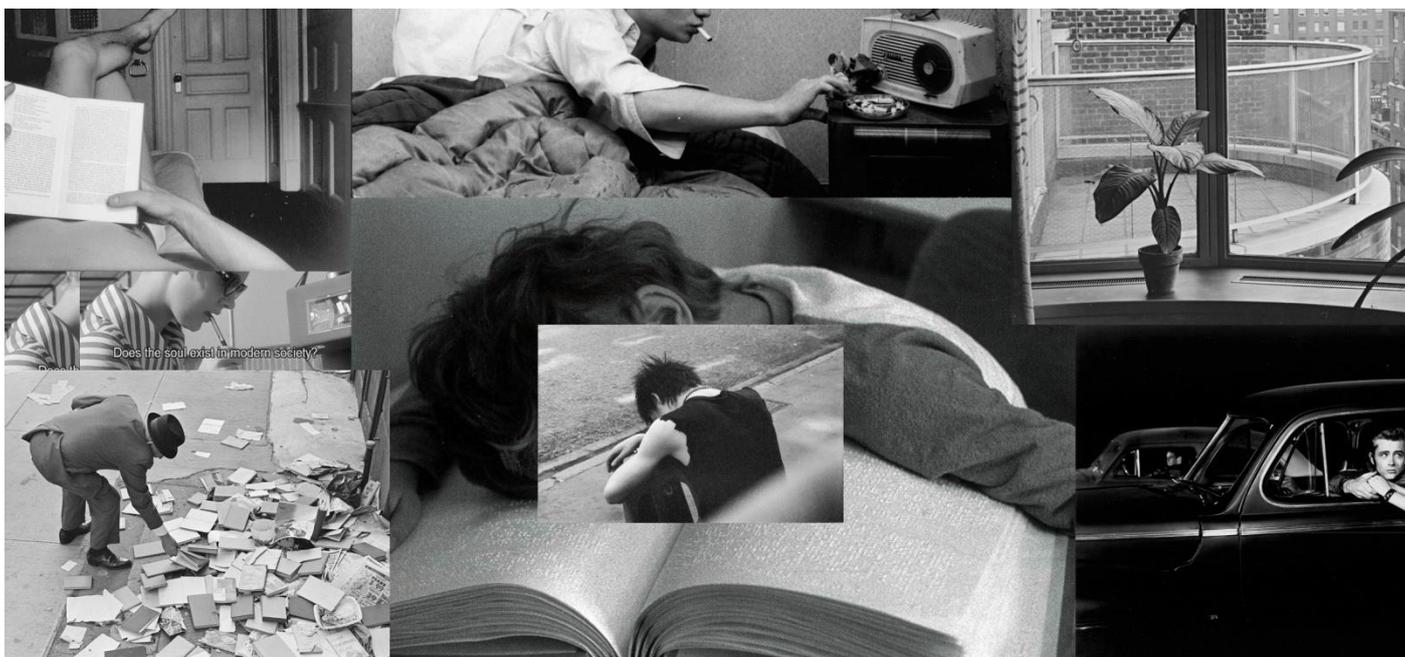
– Eu e sua mãe achamos que chegou a hora. Vamos partir. –

Permanecemos estáticos, eu e meu irmão, tinha o coração apertado.

– Tememos que nossa felicidade esteja esvaindo-se pouco a pouco. Estamos felizes, mas achamos que a monotonia da vida assegura-se de nos tornar cada vez mais enfadonhos. Precisamos nos desapegar da vida. Na luta para ser menos humanos nos fazemos cada vez mais.

Sentamo-nos os quatro, mamãe e papai nos explicaram a forma que pensaram o suicídio, nos falaram de seus medos, desejos, vidas. Conteí que me relacionava com uma menina, conteí que tinha um melhor amigo, que tinha uma banda. Disse que mesmo as pessoas vivendo tão mal têm um apego enorme à vida, sentia isso, não falei de mim.

Levantei da cama amarrotada em saudade. Esquentei o leite na panela, pu-lo em uma caneca rachada e uma colher e meia de chocolate em pó. Sentei-me na sacada fria e observei a noite ser noite. Busquei apaziguar a saudade observando as coisas leves que o vento não conseguiu levar. Não funcionava. Deitei na cama, tornei a pensar sobre o que não me deixa. Duas coisas me cercam: morte e felicidade. Estou cercado de amigos e conhecidos a cometer suicídio. Todos têm suas felicidades extasiantes que jamais experimentei, suas felicidades que mediocrementemente invejo e seus amores devoradores que nunca me devoraram. Pergunto-me se vou tê-los para mim. Vivo na espera de viver uma outra vida e acabo por mal viver. Meus pais suicidaram-se há seis anos, meu irmão há um, meu melhor amigo há dois, minha vó, meu tio, conhecidos todos os anos. A morte me cerca, aperta-me, retira o caldo amargo que sobra de mim, mas não me come. A morte espera por um pequeno gole de felicidade, espero também. Sinto-me caduco. Temo jamais tocar a felicidade como quando criança. Por que não meti uma bala na minha cabeça quando ainda não havia feito doze anos? Não se sabe o que é felicidade até que se conheça a tristeza. Que vida tão cumprida, estou fadado à tristeza. Viverei até que meu corpo sinta o peso dos anos. Como ainda tenho esperança de felicidade se a cada ano minha tristeza floresce? Penso que as pessoas morrem aos dezessete para depois morrer mais uma vez. O aperto no peito vai estourar meu coração, mas não morro. Acendo um cigarro, trago, trago. Chove, passei a tarde deitado na cama remoendo-me no que queria não conhecer. Dói-me a tristeza mesmo por ser triste, dói tudo. Trago o cigarro. Por que não deveria eu explodir minha cabeça? Minha última obra: expressionismo-abstrato sobre uma parede branca de um apartamento burguês. Trago. Todos ao meu redor suicidam-se, mas não eu, eu aguardo o momento de cravar metal e furar o cérebro: espremer-me como laranja. Bobeira, estou tendo esperanças outra vez. Fantasias. A tragédia da família, meus avós diriam, morrer naturalmente. Trago. Troco o cigarro de dedos, abro a gaveta, ponho balas no revólver. Fecho a gaveta com o joelho, trago, trago, trago. Apago o cigarro no criado-mudo. Vejo-me no espelho, aponto a arma para o reflexo. Eu poderia explodir minha cabeça, angústia jamais sentiria novamente, de Deus jamais duvidaria novamente, saudade, angústia, conforto, alívio: jamais novamente. Não tornaria a imaginar minha ausência morto. Não lavaria a louça, não andaria de trem, não flertaria. Não tornaria nem ao menos a questionar o que questiono, a dizer o que digo. Posiciono a arma sob o maxilar. Suo. Os olhos tremem frente ao espelho. Suo. Suo. Tremo a mão. Um estouro, a arma cai no chão. Um tiro cravado na cabeça do meu reflexo. Suo. Reservo-me para as bodas que ninguém sabe quando virão, se é que virão. Tenho ainda duas réplicas para esta semana. Sossegue, Carlos, depois de amanhã é domingo e segunda-feira ninguém sabe o que será.



AMOR



Teto, paredes, chão mal varrido. Janela, porta, cortina rasgada. Espelho, pôsteres, relógio parado. Tomadas, fios, lâmpada queimada. Armário, adesivos, roupa bagunçada. Anel, elástico, brincos retirados. Agenda, caderno, folhas picotadas. Guitarra, amplificador, palheta perdida. Fitas, videocassete, TV mutada. Mochila, chaveiro, carteira vazia. Livros, revistas, carta não enviada. Cascavelletes, Rock'a'ula, som aumentado. CDs, abajur de lava, garrafa de vinho engolida. Jaqueta, flanela, frio esquecido. All-star, coturno, meias embaralhadas. Calças, cueca, calcinha sumida. Cama, colchão, lençol amarrotado. Menina, menino, amor de um dia. Menina, menino, amor diário.



HAITI DENTRO DE UMA CARTEIRA



Acordou cedo. Calçou os chinelos pregados, ainda sentado. Esfregou os olhos sonolentos, levantou da cama. Abriu o saco de pães e trouxe na mão o último, cortou-o ao meio e passou manteiga. Comeu em cima da pia, tomou uma xícara de café. Lavou a faca, a xícara. Guardou a manteiga no armário vago. Tirou da pia as cascas de pão. Foi ao banheiro, escovou os dentes enquanto firmava o braço na pia e a cabeça na parede. Cuspiu, enxaguou a escova, a boca, lavou o rosto, voltou ao quarto. Vestiu o uniforme que dormia atrás da porta, calçou os sapatos repousados na janela e abotoou a camisa frente ao pequeno espelho. Pegou as chaves de casa, da bicicleta, a carteira, viu nela a pequena e desgastada foto da família. Reprimiu nos olhos a família, o Haiti. Apagou a luz dos dezoito metros quadrados, suprimiu a saudade ao fechar a porta. Trancou a porta, destrancou a bicicleta, saiu pelo portão pequeno. Pedalou dezoito quilômetros. Prendeu a bicicleta em um poste no centro da cidade. Na esquina próxima, meio às paredes rabiscadas, o braço estendido de um menino mulambento. Tirou da carteira a única moeda que lhe restava e deu à mão aberta. O metal refletia o sol dentro das mãos escuras esfarrapadas. Balançou a cabeça em resposta ao agradecimento, guardou a carteira enquanto andava mais alguns metros. Fez-se vulnerável para os olhos que espiaram por trás do buraco miúdo. Entrou no vão da porta que se abriu e que logo fechou.



QUATORZE ANDARES, DOIS DEGRAUS



Seus cabelos cobrem-lhe a face, as pequenas pupilas, a roxidão da pele e as lágrimas que se misturam com catarro. A camiseta balança sem qualquer resistência. Os braços duros levam às mãos que exaustivamente tremem. Receia em virar o rosto. O peso de seu corpo parece dobrado, precisa dobrar a força das pernas para que não sucumbam.

Não há vento em seus cabelos. A camiseta desbotada carrega respingos de sangue, sangue que resistiu em sangrar. Os braços espessos levam a punhos cerrados, os olhos se desencontram na pressa. Corre, de dois em dois degraus, pela escada que não anuncia fim.

Os joelhos há pouco ralados, há muito ardem sobre os pés que tanto buscam quanto renunciam ao chão que os sustenta. As pequenas mãos limpam a boca. No pescoço as marcas revelam a maturidade que não cabe à idade, ao corpo. A virilha fadiga em relutar, os músculos ocupam-se em contrair.

Tropeça recorrentemente nos degraus que pula de dois em dois. Seus olhos piscam demais. A testa úmida escorre suor do cabelo molhado, as mãos abertas procuram nas paredes impulso, redenção. A boca que não fecha respira só, o cinto que envolve a calça leva à fivela que titubeia despresa, os músculos contraem-se a cada passado. Corre, de dois em dois degraus, pela escada que não anuncia fim.

Sobre quatorze andares, o rastro de sangue perpassa as roupas em cordas que cortam o céu. Pássaros pousam meio ao silêncio que sempre há. Faz sol. Lá embaixo, as pessoas caminham apressadas.

Entre quatorze andares, os sapatos velhos escorregam no vermelho dos degraus, as luzes acendem-se a cada aproximação e apagam-se a cada afastamento, passa frente a portas de emergência enumeradas, os degraus não cansam em repetir, pousam meio ao silêncio que sempre há. Corre, de dois em dois degraus, pela escada que não anuncia fim.

Some, entre mãos e cabelos, pássaros e roupas, no chão, entre carros e pessoas apressadas.

Arrasta-se, apoiado nas mãos, entre paredes, luzes, sangue. Chora e busca redenção ao chorar. Busca a inocência que matou, de dois em dois degraus, pela escada que não anuncia fim.



E, ACIMA DE TUDO, VOCÊ



Você quis... inventar o amor. Eu conhecia essa frase. Sessenta e dois, Truffaut, só não me lembrava do nome. O nome. Discutimos por quatro horas. Sentados, em pé, deitados. De toda forma discutimos o amor, a falta. Você tinha cabelos castanhos que te batiam a cintura e que eram retirados do rosto. Mãos tão delicadas quanto o escoar de mel. Unhas compridas. Lembrava-me do ardor do rasgo das suas unhas, vítimas da contração dos seus dedos. Por muito tempo não gostei de unhas compridas. Você tinha pernas que se moviam tão lentamente quanto podiam e tão apressadamente quanto precisavam. Estavam fechadas. Estávamos a cinco ou seis metros, uma infinidade de qualer outra coisa, pessoa, sentido. Você se escorava agachada na parede, sumia em fios de cabelo finos, eu sentava frente a ti, os extremos da sala de estar vazia que eu já não sabia a quem pertencia. Buscava sem sucesso seus olhos que faziam-se vazios por ser você tão cínica. Seis ou sete minutos em silêncio depois de uma ressaca de palavras. Ainda não me lembrava o nome do filme da frase que inaugurou o silêncio e morreu nas paredes despidas - um pouco em nós. Quando enfim seus olhos caminharam os cinco ou seis metros não houve, nessa casa, rua, cidade, choque tão intenso quanto dos nossos olhares. Antes que pudesse sentir qualquer coisa, você, de costas, tocava a maçaneta. Como a última nota de uma sinfonia, o bater da porta encerrou o espetáculo. Não houve uma palavra, nem antes, nem depois.

Eu olhei para o teto com os olhos molhados e desejei estourar cada órgão, célula, átomo do meu corpo. Desejei morrer, sem medo de soar egoísta. Desejei não haver nascido, sem medo de soar blasfeme. Desejei você. Desejei não desejar você. E desejei você mais uma vez. Desejei que meu peito fosse esta sala vazia que, em suma, não mais carregava você. Não o pensei em nada, senão você. Pensei em tudo, você. Pensei como doía amar, uma dor mesmo física. Senti doer enquanto pensava em ti. Tentei ocupar minha cabeça, tentei lembrar o nome do filme, lembrava que dois morriam e um sobrevivia. Havia entre nós quem sobrasse? Talvez você, se eu fosse os outros dois. Fui dois? Quis correr, abrir a porta e correr. Correr até ver seus braços, ombros, cabelos e te puxar e perguntar por quê? cada porquê. Estava inerte no chão. Numa descarga de adrenalina, corri, num susto. Cruzei a porta que esqueci aberta ou apenas que não me importei em fechar. Corria e te buscava sem saber o caminho que seus pés fizeram e te encontrava em cada rosto, ponto, esquina. O céu estava baixo. Corria porque não bastava ver seu rosto em outros rostos e seus gestos em outras mãos e seu cheiro em outras nuças. E a cada passo, longo, apressado, lembrava das suas frases, juízos, teorias, dos seus vícios, manias, costumes, das suas maneiras, jeitos, trejeitos, de você, você, você. Aos poucos você me renunciava e eu implorava por mais um, dois, oito dias. E a cada cafeteria cheia você ocupava todas as mesas, e cada cinema e cada bar de esquina. E sentava em cada calçada e não terminava cada garrafa de vinho e parava para ouvir cada músico de rua. E meus passos diminuía a cada rua que você não entrava e ofegava a cada suspiro que você não dava. Nós brincamos com a vida, e perdemos. Cessava os passos. Lembrei da vez que você disse que as palavras mudavam de sentido pela mudança de gênero. Que no alemão guerra, morte e lua são palavras masculinas, sol e amor, femininas, vida é neutro. Parei por um instante. *Leben. La vie.* Torcia a língua ridiculamente a fim de soar alemão, francês. Molhava o sorriso bobo. Imaginava-te às margens do rio Sena. *Jules et Jim*, era o filme, pensava, só, ao percorrer o caminho de volta, a porta ainda estava aberta.



MULHERES, ARMAS



Fevereiro. Uma tesoura, um revólver e um livro vermelho, foi com isso e nada mais que Clara saiu do DOPS, nua, ensanguentada. Dois meses lá, não disse nada. Sim, havia o que dizer, não disse. Clara era guerrilheira, era mulher. Tinha nos pulsos os dias contados, sessenta dias. Desde que havia ganhado o pequeno livro vermelho maoísta não haviam se separado. Havia lido algumas vezes, não no DOPS. Eram carne e pele. Guardava a tesoura e o livro em um buraco na porcelana da privada onde também ficava um revólver sem balas. Uma mulher e uma arma, não era preciso mais nada.

Setembro. Sete meses que havia saído nua do inferno. Inverno, chovia. Estava frente à porta maciça de madeira, três metros de porta. Tesoura, revólver, o livro vermelho. Estavam em seis mulheres. Ao lado de Clara, Olivia. Trocaram olhares, olhos castanhos e olhos negros. Um choque elétrico mecânico. Clara era branca como os latinos são brancos. Olivia, preta como os abismos o são. Eram como Nancy Sinatra e Nina Simone. Havia algo laranja entre esse branco preto.

Mai. Os olhos negros veem os castanhos pela primeira vez, uma reunião no sótão dum boteco sujo. A única lâmpada do espaço apertado balança presa a um fio na iminência de arrebentar, sempre na iminência. Clara procurava o isqueiro que há pouco caíra. Olivia havia o visto de longe. Deu alguns longos passos enquanto deixou a mulher que lhe recebia falar às paredes, sempre às paredes. As mãos que sumiam na sombra alcançaram o isqueiro que sumiu na sombra que por vez chegou às mãos perdidas na luz. Não houve agradecimento. Sentaram-se todas à mesa. Seis mulheres, seis balas num revólver. Olivia foi apresentada à Clara e às outras quatro. Comunistas e anarquistas, a escória da sociedade em volta duma mesa redonda froxa que sumia em fumaça.

Ao fim, as mulheres se despediram. Uma sobrou para trancar a porta, a outra esperou. Você toma vinho? Olivia perguntou. Cedia à chuva. Tomo, Clara respondeu. E as duas tomaram, sentadas numa mesa canto de parede do boteco fechado. Olivia falava mais, perguntava mais. Clara gostava de responder. Retribuía algumas perguntas vezenquando. Respondeu da tesoura, do livro vermelho. Cê tem um cigarro? Clara perguntou. Não fumo, Olivia respondeu. O sangue fervia, revolução, álcool, o sangue pelo sangue. Quer terminar esse vinho lá em casa? Clara fez que sim com a cabeça.

Apartamento pequeno, escuro. Olivia checou as janelas, cortinas, gavetas. Trancou a porta: uma fechadura e três trancas. Jogou a jaqueta verde guerra desbotado no braço do sofá. Clara segurava o vinho no corredor de entrada. Não é bom acender a luz uma hora dessas. Clara sabia, esperou. Olivia trouxe consigo uma vela acesa que iluminava a pele preta lisa que admirava Clara. Trouxe também um vinil que botou na vitrola. Agulha na sétima música do disco, direto ao ponto. Sentaram-se lado a lado, bebiam o vinho na boca da garrafa. Soaram notas dum violão bonito nas paredes repletas de colagens de revistas, jornais e documentos. Não era essa a musica, Olivia disse pouco antes da voz cortar qualquer outra voz. Meu bem, meu bem... você tem que acreditar em mim. Gal Costa, Clara pensou. Essa música é do Roberto, né? Olivia fez que sim com a cabeça. Tenho certeza que ele comprou essa também. Olivia riu. Eu não gosto dele. Nem eu. Sua estupidez não lhe deixa ver, as duas cantaram, com o ésse esticado. As duas mulheres inclinaram o pescoço e apoiaram a cabeça na parede de trás do sofá. Olhos fechados. Olivia segurava o vinho, com a outra mão desrotulava a garrafa de vinho gelado por entre as pernas. Clara passava as duas mãos no pescoço, as unhas, não coçava. Eu amo a Gal. Clara concordou com a cabeça. Olivia não viu. O Roberto a gente mata, né? O roberto a gente mata, Clara respondeu enquanto punha a perna sobre as coxas da outra mulher. Olivia sentou mais próxima, a mão esquerda passava mansa sobre o jeans de Clara. O rótulo tirado pela metade. Clara não sentia que era mansa. O vinil silenciou para gritar novamente. Não houve palavra, gesto ou mais do que respiração na introdução de Vapor Barato. Olivia sabia que a música era do Jards Macalé. Clara não sabia. Olivia não sabia que Clara não sabia, Clara não sabia que Olivia sabia. As mãos se entrelaçaram no primeiro oh sim da música, se apertaram no primeiro eu estou tão cansado. Os pulmões se inflaram no primeiro mas não pra dizer, os pescoços caíram para os lados e os olhos abriram no primeiro que eu não acredito mais em você. Ninguém usava calças vermelhas. O mais próximo dum casaco de general era a jaqueta no braço do

sofá. Clara usava dois anéis. A mão de nenhum anel tocou a pele de ouro marrom, a boca abriu, a respiração ofegou. Os dedos alaranjados pela vela que derretia eram tão delicados quanto podiam. Vou descendo: os dedos desceram ao pescoço, por todas as ruas: e ao peito, e às costelas, e apertaram. As bocas que se continham pularam aturcidas e se colaram atônitas. As línguas se misturaram atrapalhadas e as mãos se perderam no abismo que eram as duas mulheres. As mãos nos cabelos, as bocas nos seios. Vou tomar: Olivia desceu ao meio das pernas, aquele velho navio: Gal continuou. As mãos de Clara pressionavam a cabeça da mulher que a devorava. Suas coxas tampavam-lhe as orelhas, sua falta de voz sumia em vapor barato. Nenhuma das duas precisava de muito dinheiro. Clara revirou os olhos no intervalo da mulher terrível, da mulher linda. Ah, gritaram juntas as duas. Olivia não gritou: engoliu, bebeu, tragou. Cedeu às mãos extasiadas que lhe tiravam das pernas com um desespero sagaz. Clara mordeu os lábios. Sentou no colo da mulher agora no chão e segurou seus dois pulsos contra o piso gelado. As duas queimavam. Um beijo de um desespero que não poderia ser jamais de partida. O rosto, o queixo, os olhos. O pescoço, os ombros, os seios. A barriga, a virilha, a boceta. Clara sumiu nos lábios da outra mulher. Gal que antes preenchia o apartamento agora era trilha sonora que você só percebe que faz parte do filme nos créditos. As mulheres se perderam na noite, na música, no vinho que Olivia pretendeu terminar e não terminou. No cigarro que Clara pretendeu fumar e não fumou. Nos corpos nus de um realismo pungente que pretenderam alçar e alçaram. As mulheres que amavam a revolução amaram os corpos barricadas, o suor gasolina, as unhas armas, a respiração bomba de fumaça, as marcas na pele pixos, os gemidos não partidários de um apartamento nação num maio que não de 68.

Dez e algo da manhã, Clara abriu os olhos. Luz forte do sol. Dez e quarenta, o relógio de parede entregou. O vinho na mesinha do centro da sala, a jaqueta no braço do sofá, as roupas perdidas. A tesoura, o livro vermelho, o revólver, cadê? Clara levantou nua em busca. Suspirou com as sobancelhas ao encontrá-los. Vestiu-se no sofá, lavou o rosto no banheiro, levantou a agulha do vinil que atravessou a noite. Destrancou cuidadosamente a fechadura e as três trancas que observou serem trancadas. Trancou a porta por fora e passou a chave por baixo da porta. Desceu os quatro andares pela escada do prédio sem elevador.

Abril. Olivia, a matéria escura - aquilo que sabe-se ter massa e nada mais - some do DOI-CODI. As roupas pretas, o cabelo raspado, os braços fortes. Sumiu no meio da madrugada não sabe-se como, pronde. Carregava alfinetes, uma lâmina, nada mais. Não contou os dias dos inúmeros meses ali. Sumiu como a lua em eclipse numa noite sem lua e correu pelas calçadas frágeis no frio precoce do outono.

Março. Clara se reúne com três mulheres no mesmo futuro sótão do boteco sujo, na mesma mesa frouxa que inspira fumaça. A gente precisa de mais gente, uma delas fala. Clara desce os olhos à mesa. Sei de mais alguém, diz outra. Por dois meses procurariam a sexta. As reuniões diárias passariam a semanais, a quinzenais, a mensais. Em agosto não se encontrariam todas as seis, sequer veriam o sótão podre do centro depravado. Encontrariam-se às pressas em esquinas cheias no ponto alto do sol. Clara se encontraria com Olivia quase que diariamente, sufocava-se quando não. Agora eram apenas Clara e outras três, quatro mulheres que haviam perdido o medo, a vida, o amor. Confiavam única e ferozmente em seus revólveres, em suas facas, no vermelho do sangue e no genocídio burguês.

Setembro. Sentada escorada à parede de um lado da grande porta, Clara, do outro, Olivia. As outras quatro mulheres controlavam os corredores paralelos cortados pelo corredor da porta. Carregavam coletas, facas, granadas, uma tesoura, um livro vermelho e seus revólveres. Clara tinha medo. Vai dar certo, Olivia falava, também com medo. Clara não respondia, sequer olhava. Olivia insistia. As quatro mãos temiam, Clara abriu os olhos, olhou para o teto, para a parede, para Olivia. Imaginou-se em seu corpo nu, suado, sincero. Desejou sua mão mais uma vez, nos cabelos, no pescoço, entre as pernas. Desejou sua boca em cada esquina. Cantou sem voz cuidado, meu bem, há perigo na esquina. Não Belchior, Elis Regina. Quis ter um violão nas mãos, tinha uma arma. Quis conformar-se com o mundo, não se conformou, não poderia. Os lábios, o nariz, a pele de Olivia, quis colar os rostos. Mais do que um oceano entre as duas, uma sala e seus

demônios. Não, não entre elas, mergulhariam juntas nesse inferno. Te gosto muito, cê sabe, né? Olivia perguntou. Clara sorriu e fez que sim com a cabeça. Olivia sorriu nervosa. Vai todo mundo morrer, te prometo. Até a gente? Clara enfim falou. A gente é vaso ruim, não morre não, Clara estendeu um sorriso. O Roberto devia estar aqui também. A gente mata ele outra hora, Olivia respondeu. Sabia que tem seu nome em toda página desse livro? Clara perguntou, Olivia não soube responder. Clara abriu o pequeno livro vermelho, deu à Olivia, que folheou o maoísmo riscado por amor. Olivia olhou para o teto, a fim de não chorar, e molhou a página aberta. Não sabia que você chorava, as duas riram. O livro voltou às mãos de Clara que por um instante esqueceram de tremer. Ainda não vi os filmes do Godard que cê fala, Olivia disse enquanto secava a pele. A gente tem bastante tempo ainda, Clara respondeu. A gente nunca soube a idade uma da outra, doido né?! Doido. Eu tenho vinte e três. Eu tenho vinte e três também. Como a gente não sabia a idade uma da outra? Acho que isso não importa afinal. Gente boa morre com vinte e sete, sabia? Olivia perguntou. E a gente é gente boa? Olivia fez que sim com a cabeça. Gente boa e vaso ruim? As duas riram. Silêncio. Sua arma tá carregada? Tá. Todinha? Sim. Silenciaram outra vez. Dez, vinte, quarenta segundos. Como acordado, levantaram ao mesmo tempo. Clara tinha o pequeno livro vermelho no bolso de trás da calça, a tesoura no bolso do colete, a arma na mão. Olivia tinha a arma nas mãos, uma granada no bolso. Estavam frente aos três metros de porta. Trocaram olhares, olhos castanhos e olhos negros. Um choque elétrico mecânico. Clara era branca como os latinos são brancos. Olivia, preta como os abismos o são. Eram como Nancy Sinatra e Nina Simone. Havia algo laranja entre esse branco preto, haveria vermelho no chão. Tornaram a olha a porta, encaravam-a. Olivia cortou o silêncio mais uma vez. Ain't got no home, ain't got no shoes, Clara a olhou. Ain't got no money, ain't got no class, ain't got no skits, ain't got no sweaters, quis cantar junto, não achou que podia. Ain't got no perfume, ain't got no love, os pulsos fortes, ain't go no faith. Cultura, amor, deus, then what have I got? Encaravam a porta. Why am I alive anyway? Carregaram as armas. Yeah, hell. What have I got. Olivia se distanciou, nobody can take away, a perna direita para trás, três metros da porta, aumentou os passos em direção à madeira que se portava firme. I got my hair, arrombou a porta consoante à nota alta, got my head, got my brains, got my ears. Quinze homens olhavam espantados para as duas mulheres dentro do vão da porta. Got my eyes, got my nose, got my mouth, as bocas abriram, as narinas inflaram, os olhos arregalaram, as mãos buscaram algo, não havia algo, senão duas armas que apontavam para os rostos podres envelhecidos dos militares e burgueses. I got myself, a mesa em forma de arco tinha suas duas extremidades voltadas à porta, Olivia começou a caminhar pelo lado direito, Clara para o esquerdo. I got my arms, got my hands, os braços suados, as mãos já não tremiam, eram ferozes. Havia aqui a certeza que não havia em nenhum outro momento. My finger, my legs, my feet, my toes, a pele preta brilhava, goy my liver, got my blood, no ar o cheiro de metal do sangue que borbulhava dentro de veias que continham-se para não explodir. I was five and he was six, Clara começou a cantar. As cadeiras que suportavam velhos apavorados quase cediam, não cediam. A leveza que as mãos carregavam as armas era sublime. We rode on horses made of sticks, Clara cantou com a delicadeza exigida, as mãos dançavam, os cães e os porcos fugiam da mira das armas que moviam-se como serpentes. She wore black, as duas se olharam, and I wore white, Clara desviou o olhar para as pupilas reprimidas. He would always win the fight, I've got life, I've got lives, se embaralharam, Olivia disparou o primeiro tiro que mergulhou em alguma nuca. Bang bang, I shot you down, Clara antecipou o segundo refrão e desapareceu. I've got headaches and toothaches, Olivia, mais uma cabeça. Bang bang, you hit the ground, mais um corpo. And bad times too like you, mais uma bala. Bang bang, that awful sound, mais um disparo. I've got life, Olivia antecipou o fim, mais um militar. Bang bang, I used to shoot you down, mais um homem. I've got my freedom, um tiro. Ohhh, dois tiros, dois mortos, a arma descarregou. I've got life! gritou. Musicplayed and all people sang, Clara tinha duas balas, just for me the church bells rang, levantou a arma para outra nuca. Now he's gone I don't know why, sangue. Until this day, sometimes I cry, mais sangue, sem balas. Doze cabeças sobre a mesa, sobre o chão. He didn't even say goodbye, Clara abriu o bolso, he didn't take the time to lie, a tesoura na mão, três homens. Olivia pegou a faca, quiseram esses morrer com um tiro, seu desespero era maior. Bang bang, I shot you down, a tesoura perfurou a testa de um, a faca rasgou o pescoço de outro,

sem música. Bang bang, you hit the ground, caminharam em direção ao último homem, bang bang, that awful sound, tesoura e faca levantadas, uma mulher de cada lado, o grito do homem ecoava no prédio onde outras quatro mulheres baleavam quaisquer homens que pudessem ser vistos. Vinte, trinta mortos lá fora. Vinte e quatro balas, quatro facas, uma granada. Bang bang, I used to shoot you down, a faca foi de encontro à tesoura, o sangue subiu aos olhos do último homem, sua cabeça bateu na mesa, seus braços amoleceram, o sangue escorreu pela mesa banhada, pela sala inundada. Os olhos negros e castanhos se entreolharam, respingos de sangue nos rostos, nas mãos, nas roupas. Sobre o sangue de quinze homens, mais do que quinze homens, duas mulheres vivas, mais do que vivas, sobre o sangue azul na primavera precoce de setembro de 76.



GOSTO DE CEREJEJA



As músicas já não ecoam há algum tempo, os pés não marcam o piso gelado e a torneira não é esquecida aberta. A sala dorme no escuro, o vazio se deita no sofá. Ninguém pode saber disso. Levanto, silenciosamente, e me dirijo à porta que range ao abrir. Caminho, descalço, sobre os pisos gelados que como a casa adormecem. A porta do único quarto além do meu está fechada, uma garota dorme no sofá. O espelho que compõe grande parte da parede do banheiro não reflete corpos. Vagarosamente, escoro-me na parede da sala-de-estar e deslizo até sentar no chão. Cutuco o rosto, uma, duas vezes. Na cozinha, molho o dedo que passo sobre os lugares tocados. Com uma paz que não me pertence, regresso ao quarto, fecho a porta, tranco-a. O colchão no chão não dorme com ninguém, meu colega de quarto dorme fora. Sob as roupas amarrotadas, minha forma de retorno, recorrentemente voltar e voltar. O tempo não para ao mesmo tempo em que não existe. Tapeio-me. Bobo, penso. Termino os preparativos que automaticamente meu corpo agilizou. Não é a primeira vez hoje. Tento ouvir o som que poderiam emitir as pessoas se acordadas, não o fazem. O vento frio percorre as paredes, não há cortinas. O clima sereno da madrugada me concede a tranquilidade que pouco tenho. Sumo entre os prédios. Puntiforme, o pequeno brilho que surge no centro do quarto ilumina impiedosamente meu rosto, meus braços nus, meu cabelo claro. De outra sacada, frente à minha, poderiam me ver, não havia ninguém. Desapareci. Busquei, outra vez, o menino de dez anos atrás, travesti-me dele. Forçava, de repente, o pé costurado em cinco pontos para chutar a bola. Desfechei os lábios e desnudei os dentes tortos. Corri, manco, sobre as pernas de passarinho. Franzi a testa e cerrei os olhos que se abrigavam sob as sobranceiras castanho claro. Com as pequenas mãos ergui as mangas compridas da camiseta bordô que no ombro sustentavam os longos, cheios e mortos cabelos loiros, frente a uma brincadeira de meninas. Sentados em Monacos, descobrimos ruas com galhos às mãos. Pus-me em roupas amarelas azuis e dirigi uma mochila de rodinhas do Super-Homem. Escondi-me na cantina em tom de proteção, segurei o pulso do meu irmão. O mal está lá fora. Comemos bolachas Maria. No pátio, os empurrões de meninos que são meninos da forma que dizem que meninos são meninos. Pisei no chão de madeira que desceu, rangeu. Tentei mover o braço em vão: estava engessado. No sofá dobrável, um garoto iluminado pela TV tubo dormia. No escuro, estiquei as pernas e descalço toquei o chão que fez a Terra tremer. Os braços agora presos pelas mãos das meninas que me cercam atrás de uma caixa d'água que escorria. Eu não quero, não quero, não quero. Corri para o quarteirão onde contamos e nos escondemos. Caminhamos por telhados flácidos e jogamos pedras sobre muros. Quebrei unhas em paralelepípedos e espetei pés ao pular casas. Perdi bolas, tênis. Escalei árvores e corri com a força do desejo de perfurar o apocalipse. Faz sol, é verão. Corri ao subir a escada - gritaram-me para que não corresse, caminhei rápido. Cruzei a área vazia e ajoelhei ao lado de quem manobrava uma espada rúnica. Os chocolates esperavam-nos lá embaixo. Corremos pela escada, sabendo que não podíamos. O último degrau suportou o pé esquerdo enquanto o direito não ousou tocar o chão e encontrou-se a chutar um garoto deitado sobre a calçada branca. Fingi chutar, enquanto chorava. Pouco antes, corei pela timidez de ser criança, pelo vôo das borboletas sobre suco gástrico. Sai com pães da padaria da esquina, senti-me responsável. Joguei aviõozinhos de papel pelas quadradas enquanto pensei ter uma namorada, não nos falamos. Caminhei em busca de quietude, passaram-se anos. Busquei os adesivos que se faziam inconcretos. Busquei ralar os joelhos, o mimo, as paixões que jamais seriam semelhantes ou fortes. Busquei as pessoas. Remoí-me no chão, dissolvia nomes, faces, momentos, lugares e vozes. As bochechas molhadas, prova do que nunca foi concretizado. O sentimento honesto, apaziguador e saudosista do que nunca acabou, não como um soco. Vi as pessoas sumirem como fumaça. E doeu. Tento lembrar se doeu, não lembro. Não lembro dos rostos que misturam-se a outros mil em uma bagunça cronológica e afetiva. Pessoas escoem homogêneas como água no ralo. Tudo se embaralha, se confunde e se entrelaça em gestos e palavras. As memórias se colorem de cores incertas. Não sinto os lábios de criança, não vejo a madeira, os cabelos cheios. Minhas pupilas contraem-se, nada está aqui. O braço procura alcançar mas está imóvel, os dedos contraem-se, arranham o chão. A leveza de ser criança se converse no peso de ser humano. Escorre suor. A boca despedaçada torna-se roxa, azulejos me comprimem. Tremo sobre água, pressiono o braço esquerdo que dificilmente se move. Os olhos mal focam, ranjo a boca, é tudo escuro. Procuo memórias e na iminência de tocá-las debato-me no chão. Sinto frio. A chuva estoura

na calha, entra vento pelas janelas fechadas, ouço a descarga cacofônica. A porta ao lado bate, debato-me, faço esforço em respirar. Tento arrastar-me com os braços, não se movem. As pernas sucumbem. Transe. A luz que há pouco fora acesa apaga-se novamente. Ofego. Não há brilho, a criança está morta. bato a cabeça na porcelana. Tudo o que você sempre sonhou morreu, debato-me. Na tentativa de pronunciar qualquer palavra fonemas se confundem, tremo gradualmente. O corpo envergado procura apoiar-se nos cotovelos que renunciam ao corpo. A chuva ainda é chuva, suo. Os olhos revirados entregam: no braço, um nó apertado. No chão, um isqueiro, uma colher, uma seringa, eu.

Uma e cinquenta e quatro, não é nem um texto razoável. Salvo, fecho.



HIROSHIMA - ENTRE NÓS - MEU AMOR



Devora-me, deforma-me. Como dez mil sóis, explora-me. Afaga-me, afoga-me. Como dez mil oceanos, transborda-me. Teu suor percorre-me, tuas unhas encravam-me, teus cabelos encrespam-me. Tu, feito na medida do meu corpo, contém-me. Como esquecesse de ti mesmo, esqueça-me, memorizo-te. Encontro-me. Quatro vezes em Hiroshima, lembra-me... não! Conheço a ti, conheço o esquecimento. Por que você não está aqui agora que preciso-te? Preencha-me. O suor mistura-se, em choro engana-se, desaguado-me. Não há nada... explicações na falta de outra coisa: explica-me! De flores recubra-me, já que me matas. O oceano queima-se, o sol encharca-se. Você está me matando, você está morrendo. Esqueça-me... lembra-me.



TOSSE ABAFADA



EXT. RUA - DIA - INÍCIO DA MANHÃ

Trânsito engarrafado, muitos 'carros econômicos', de vidros abertos, e 'carros caros', sempre de vidros fechados.

EXT. CALÇADA - DIA - ÍNICO DA MANHÃ

Várias pessoas, cerca de metade delas aparenta estar doente: TOSSES e tremor. Deitado no chão, um morador de rua TOSSE sangue e treme.

X caminha pela calçada.

INT. PADARIA - DIA - INÍCIO DA MANHÃ

X ENTRA. Uma funcionária (Y) e um funcionário (Z) estão no balcão. Nas mesas da lanchonete da padaria, cerca de dez clientes (homens de ternos e maletas, mulheres de salto, vestidos e cabelos 'de salão').

X

(se atrapalhando na fala; certa dificuldade)

B...om-dia

Y

(com dificuldade na fala)

Bom-di...dia

Z

(com maior dificuldade na fala)

Bo...m-d...ia

X SAI em direção ao depósito da padaria.

Y atende o caixa.

Z varre o chão.

X ENTRA. Direciona-se a uma mesa de um homem e uma mulher.

HOMEM

Dois cafés grandes. Grande, né?

MULHER

Sim.

X

(atrapalha-se com as palavras)

Do...ois ca...cafés gran...des. Já...já tr...ago.

X volta com dois cafés em mãos. Serve o homem e a mulher.

X TOSSE e SAI.

EXT. RUA - DIA - FINAL DE TARDE

Trânsito engarrafado. Poucos 'carros caros'. Nos 'carros econômicos', motoristas estressados(as) GRITAM, com dificuldade na dicção e atrapalhando-se nas palavras, e BUZINAM.

MOTORISTA

O...o...lha o sin...al, p...porra

MOTORISTA 2

Ace...ler...a!, ca...ralho

EXT. CALÇADA - DIA - FINAL DE TARDE

Pessoas caminhando com pressa, a maioria TOSSE. Televisões de uma loja de eletrônicos ligadas no jornal chamam a atenção de algumas pessoas na calçada. As pessoas ficam do outro lado da vitrine prestando atenção.

APRESENTADORA

A oposição afirma não haver espaço para o diálogo. "O presidente nega-se a discutir os efeitos principalmente a longo prazo das medidas que vêm sendo aprovadas pelo senado", diz o líder do partido. Na última quinta-feira, dia vinte e...

Cerca de 8 pessoas cercam a TV, no lado de fora da loja. O volume pouco ouve-se e as pessoas botam o dedo na boca pedindo silêncio. Duas delas discutem.

PESSOA 1

(Pouco entende-se de sua fala, embaralhando-se na dicção)

Ess...a porr... com... pa...ís

PESSOA 2

(Com dificuldade)

De al...gum lu...gar tem que... rar, pen...sou que a... con...ta não... ria?

PESSOA3

(Com dificuldade)

Vo...vo..cês po...dem calar a... bo...ca?!

As três pessoas voltam à televisão.

EXT. PONTO DE ÔNIBUS - DIA - FINAL DE TARDE

X aguarda. Sentadas no banco, duas pessoas TOSSEM incessantemente e tem as caras pálidas. Cerca de quatro pessoas em pé TOSSEM também.

INT. ÔNIBUS - DIA - FINAL DE TARDE

X ENTRA.

O motorista está muito pálido, tosse sangue na mão e seu corpo treme; extremamente fatigado.

X paga o cobrador e passa pela roleta. O cobrador tosse sem parar e tem os olhos cerrados.

X senta-se ao lado da janela. Tem sintomas semelhantes aos da febre.

Algumas pessoas, por fim, ficam em pé. Pouco conseguem se segurar e ficam na iminência de cair.

Muitas pessoas TOSSEM no ônibus.

INT. CASA DE X - BANHEIRO - NOITE

X tosse sangue na frente do espelho.

Olha-se durante certo tempo.

INT. CASA DE X - QUARTO - NOITE

X ENTRA.

Ainda com as roupas que chegou do trabalho, cai na cama como se tivesse desmaiado e dorme.

EXT. RUA - DIA - INÍCIO DA MANHÃ

Há menos carros. Um ou outro 'carro caro'. 'Carros econômicos' preenchem o asfalto.

GRITOS dos motoristas destes e BUZINAS.

MOTORISTA 3

Ol...ha amçp...orra do... r...ertrovisvjsor

MOTORISTA 4

Fod...dnase e...s sns...ssa m...m...menrda

EXT. CALÇADA - DIA - INÍCIO DA MANHÃ

Menos pessoas caminham. Algumas poucas não se mantêm em pé e apoiam-se em postes e paredes.

Um morador de rua morto.

As pessoas caminham mulambentas e doentes, TOSSEM e tremem.

Uma pessoa treme e tosse sangue no chão. Ninguém nota.

Na loja de eletrônicos, as TVs ligadas no jornal. A mesa da apresentadora é a única coisa a aparecer na imagem. Nenhum som da TV e nenhuma pessoa aparece.

Cerca de 5 pessoas cercam a TV do outro lado da vitrine, na calçada. Olham atentas para a TV.

PESSOA 4

Br...andra...sil e...é dsfo...dsjk...ha...a

Todas TOSSEM constantemente, a maioria tosse sangue. Têm a aparência pálida e todas tremem.

INT. ÔNIBUS - DIA - INÍCIO DA MANHÃ

Motorista tosse muito sangue. Pouco consegue manter-se são. Seu corpo treme ininterruptamente.

Os passageiros TOSSEM.

Não há passageiros em pé e alguns bancos estão desocupados.

X quase cede ao chão. Está meio deitado no banco, TOSSE e treme

INT. PADARIA - DIA - INÍCIO DA MANHÃ

X ENTRA.

Y está deitada no balcão TOSSINDO.

Nas mesas da lanchonete, cerca de quatro clientes. X direciona-se ao balcão.

X

Bhjdhs...hsdi...aj

Y

Jhjkjphas...dahb

GERENTE ENTRA

GERENTE

Onde está o Z?

Y

HJhdghdahgdgh...ahg...ga

GERENTE

Porra. Essa estupidez... São incomunicáveis!

GERENTE SAI.

EXT. CALÇADA - NOITE

X SAI do ônibus.

Quase cai ao descer a escada e dificilmente mantém-se em pé ao caminhar.

INT. CASA DE X - QUARTO - DIA - INÍCIO DA MANHÃ

X treme deitado na cama. Ao seu lado, manchas de sangue no lençol.

TOSSE.

Com extrema dificuldade, levanta, mulambento.

INT. CASA DE X - COZINHA - DIA - INÍCIO DA MANHÃ

Armários vazios. Sacos de pão sem nada. Café esgotado.

INT. ÔNIBUS - DIA - INÍCIO DA MANHÃ

Outro motorista, em melhor estado, mas ainda mal. TOSSE e treme levemente.

X está no chão no vão de um banco e outro.

TOSSE incessantemente.

A camiseta está manchada de sangue.

Cerca de 6 passageiros no ônibus. Metade caída no chão. Tremem e TOSSEM intensamente.

EXT. CALÇADA - DIA - INÍCIO DA MANHÃ

X caminha pelas calçadas com extrema dificuldade. Quase caindo. O rosto sem cor. Respingos de sangue nos braços e no queixo. Camiseta manchada de sangue.

TOSSE intensamente.

EXT. FRENTE DA PADARIA - DIA - INÍCIO DA MANHÃ

X CHEGA: as portas estão fechadas e as luzes apagadas.

X aproxima-se e encosta-se na porta tentando ver o que tem lá dentro.

TOSSE e mancha o vidro de sangue.

Desliza na porta até atingir o chão.

X treme e tosse sangue fortemente e se arrasta deitado pelas calçadas.

Um mendigo apodrece na calçada.

Após arrastar-se um tempo, cada vez mais sintomático, X cansa-se e fica inerte. Treme intensamente no chão e TOSSE cada vez mais.

X

(Com extrema dificuldade)

Itw...jtç...twj

Ergue o braço para cima e não consegue sustentá-lo.

Em certo momento, X torna-se imóvel. Para de tremer e a tosse cessa. X morre na calçada e ninguém o nota. O corpo de X fica deitado imóvel.

Nas calçadas, várias pessoas mortas no chão, algumas se arrastam.

Atrás de X, duas pessoas escoradas na vitrine para não cair. Tremem e TOSSEM sangue. Ambas olham para as TVs que passam o pronunciamento do presidente. Contudo, não há pessoa alguma na imagem e na TV apenas um palanque vazio e silencioso.

